

INFLAÇÃO

Análise e projeções de inflação

Sumário

Os dados mais recentes mostram que, ao conjugar uma aceleração mais intensa dos preços livres com o surgimento de pressões adicionais sobre os preços administrados, o ambiente inflacionário brasileiro vem se tornando menos favorável, gerando, por conseguinte, um aumento das expectativas de inflação. Por certo, diante de um desempenho mais forte do nível de atividade e seus impactos sobre um mercado de trabalho já bastante aquecido, a aceleração dos preços dos serviços livres, aliada aos efeitos da desvalorização cambial sobre os bens comercializáveis e à ocorrência de novos focos de pressão sobre os preços dos alimentos, da energia e dos combustíveis, sinaliza que o processo de desinflação da economia brasileira tende a ser mais lento que o projetado anteriormente.

Em agosto, a inflação brasileira, medida pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), acumulou alta de 4,2% em doze meses, repercutindo, sobretudo, os reajustes de 5,2% dos serviços livres e de 5,6% dos preços administrados. No caso dos serviços livres, a pressão inflacionária é sustentada, por um lado, por uma demanda aquecida e, por outro, pelo aumento dos custos relativos à mão de obra, ambos provenientes de um mercado de trabalho mais dinâmico. Em relação aos preços administrados, os reajustes da gasolina (8,7%), dos planos de saúde (8,7%) e dos medicamentos (6,0%) podem ser apontados como os principais focos de pressão inflacionária no período. Ainda que em menor intensidade, as altas dos alimentos e dos bens industriais refletem a aceleração dos preços, agrícolas e industriais, no atacado, ressoando o aumento dos custos de matérias-primas, originado tanto da aceleração das cotações das *commodities* no mercado internacional quanto da forte desvalorização cambial. De fato, no acumulado do ano, as *commodities* metálicas registram alta de 13,8%, enquanto as agrícolas apontam variação mais amena (2,3%). Já a desvalorização cambial observada entre janeiro e agosto é de aproximadamente 17%.

A partir desse contexto mais desafiador, mesmo diante de um cenário de menor pressão de preços dos alimentos, a piora na trajetória dos serviços livres, dos bens industriais e dos preços administrados, ante a projetada anteriormente, gerou uma elevação das projeções do Grupo de Conjuntura da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Dimac/Ipea) para a inflação em 2024. No caso do IPCA, a alta estimada avançou de 4,0% para 4,4%, enquanto para o Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC) a taxa passou de 3,8% para 4,2%. Em relação à alimentação no domicílio, em que pese a perspectiva de uma pressão adicional nos próximos meses proveniente dos efeitos da seca sobre a produção de cereais, carnes, frutas e legumes, a taxa de inflação prevista passou de 5,9% para 5,6%, refletindo o alívio inflacionário vindo da queda de 2,3% observada

Maria Andréia Parente Lameiras

Técnica de planejamento e pesquisa da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea

maria-andreia.lameira@ipea.gov.br

Tarsylla da Silva de Godoy Oliveira

Assistente de pesquisa na Dimac/Ipea

tarsylla.oliveira@ipea.gov.br

Divulgado em 26 de setembro de 2024.

no bimestre julho-agosto. Por sua vez, as taxas de inflação dos bens industriais e dos serviços livres, projetadas para 2024, aceleraram de 2,1% e 4,6% para 2,4% e 5,0%, respectivamente, ecoando, em ambos os casos, o aumento nos custos de produção, aliado à manutenção da demanda em patamar elevado. Por fim, as estimativas para a inflação dos preços administrados em 2024 também foram majoradas, de forma que a taxa esperada avançou de 4,0% para 4,7%, impulsionada pelas altas mais fortes dos combustíveis e da energia elétrica, associadas, no primeiro caso, ao aumento do preço do petróleo e à desvalorização cambial e, no segundo caso, ao efeito da estiagem sobre o nível dos reservatórios, gerando a necessidade do acionamento de bandeiras tarifárias de maior sobrepreço.

Deve-se ressaltar, entretanto, que o balanço de riscos para a inflação no curto prazo sinaliza a existência de uma série de fatores que podem impactar positiva ou negativamente as trajetórias projetadas. Por certo, o acirramento dos conflitos internacionais e seus efeitos altistas sobre as cotações das *commodities* no mercado externo, além de novas desvalorizações cambiais originadas da piora no ambiente fiscal e do prolongamento dos efeitos da seca sobre a produção de alimentos e energia, podem agravar o cenário inflacionário. Em contrapartida, a possibilidade de chuvas mais intensas geraria uma recomposição mais rápida dos níveis dos reservatórios e uma melhora nas condições de pasto e plantio. Adicionalmente, a adoção pelo Banco Central do Brasil (BCB) de uma política monetária mais restritiva em um contexto de corte de juros internacionais deve contribuir para uma entrada maior de recursos externos, proporcionando uma apreciação cambial e aliviando, por conseguinte, a pressão sobre os preços livres.

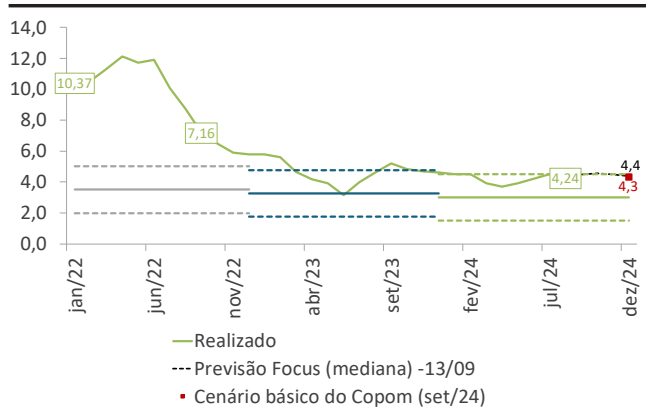
De fato, a expectativa de uma apreciação cambial derivada desse diferencial de juros, conjugada com a melhora das condições climáticas, deve assegurar uma trajetória de inflação mais benigna para os bens industriais e os alimentos em 2025. Adicionalmente, o arrefecimento projetado para a atividade econômica no próximo ano deve reduzir o ritmo de expansão da demanda interna, trazendo algum alívio para a inflação de serviços, cuja desaceleração, entretanto, deve ser limitada por um mercado de trabalho ainda aquecido e pela manutenção da política de reajuste real do salário mínimo. Desta forma, as projeções de inflação para 2025 feitas pelo Grupo de Conjuntura do Ipea são de 3,9%, medida pelo IPCA, e de 3,8%, medida pelo INPC.

1 Inflação: aspectos gerais e projeções

Ao longo do último trimestre, a despeito da surpresa positiva vinda da queda mais intensa dos alimentos no domicílio em julho e agosto, o ambiente inflacionário se deteriorou, conjugando nova aceleração dos preços dos serviços com o surgimento de fatores de pressão adicionais sobre os preços dos alimentos, da energia e dos combustíveis. Em agosto, de acordo com o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), a inflação brasileira acumulou alta de 4,2% em doze meses, repercutindo os impactos da desvalorização cambial sobretudo dos preços comercializáveis, além dos efeitos do aquecimento do mercado de trabalho sobre a inflação dos serviços livres.

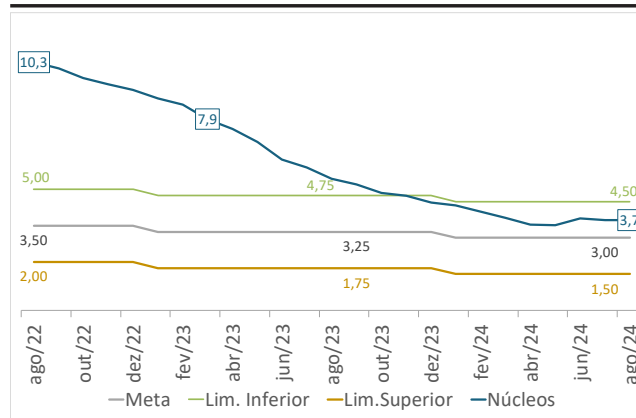
Por certo, embora a inflação em doze meses ainda mostre uma tendência de desaceleração ante a observada em 2023, a conjuntura atual revela que este processo de desinflação tende a ser mais lento que o projetado anteriormente, contribuindo, por conseguinte, para uma desancoragem maior das expectativas de inflação. Desta forma, ao contrário do esperado no trimestre anterior, a expectativa para os próximos meses é de leve aceleração da inflação em doze meses, de modo que, ao final de 2024, a taxa apurada mostre relativa estabilidade em relação à apontada no ano anterior (4,6%). Com efeito, tanto as expectativas de mercado – retratadas no relatório Focus do Banco Central do Brasil (BCB) – quanto o cenário base definido pelo Comitê de Política Monetária (Copom), em setembro, sinalizam que a inflação medida pelo IPCA deve ficar em torno de 4,5%, bem próxima do teto da banda de tolerância (gráfico 1). Este cenário inflacionário mais desafiador é corroborado pelas medidas de núcleo da inflação, que interromperam a sua trajetória de desaceleração e voltaram a acelerar no último trimestre, mantendo-se em níveis acima dos desejáveis, tendo em vista as metas de inflação estabelecidas (gráfico 2).

GRÁFICO 1
IPCA: taxa de variação acumulada em doze meses e metas de inflação
(Em %)



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e BCB.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 2
IPCA: média de núcleos acumulada em doze meses
(Em %)

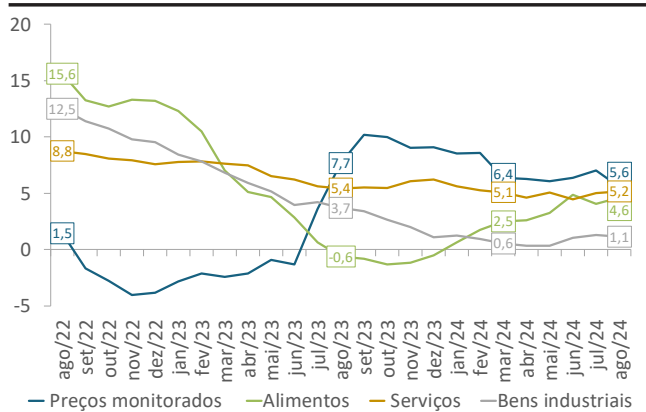


Fonte: BCB.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

A desagregação da inflação por categorias mostra que, nos últimos doze meses, as maiores contribuições à inflação vieram dos serviços livres e dos preços administrados (gráfico 3). No caso dos serviços livres, a pressão inflacionária é sustentada, por um lado, por uma demanda aquecida e, por outro, pelo aumento dos custos relativos à mão de obra, ambos provenientes de um mercado de trabalho mais dinâmico. Em relação aos preços administrados, os reajustes da gasolina (8,7%), dos planos de saúde (8,7%) e dos medicamentos (6,0%) podem ser apontados como os principais focos de pressão inflacionária no período. Por fim, as altas dos alimentos e dos bens industriais em 2024, comparativamente ao registrado em 2023, refletem a aceleração dos preços, agrícolas e industriais, no atacado, cujas respectivas taxas de inflação acumuladas em doze meses saltaram de -11,3% e -3,8%, em dezembro de 2023, para 4,9% e 3,8%, em agosto de 2024 (gráfico 4).

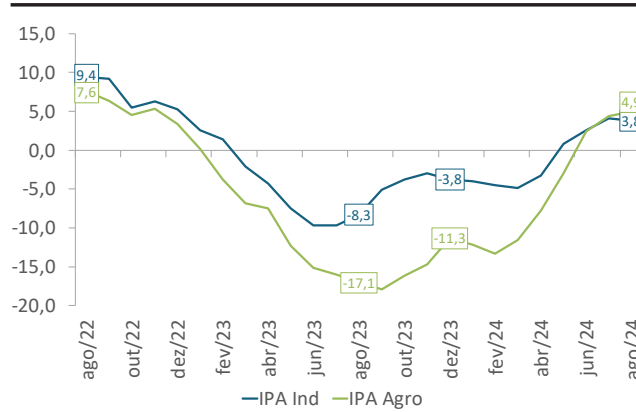
A alta dos preços no atacado, por sua vez, é resultante do aumento dos custos de matérias-primas, refletindo tanto a aceleração das cotações das *commodities* no mercado internacional quanto a forte desvalorização cambial (gráfico 5). No acumulado do ano, as *commodities* metálicas registram alta de 13,8%, enquanto as agrícolas apontam variação mais amena (2,3%). Já a desvalorização cambial observada entre janeiro e agosto é de aproximadamente 17%.

GRÁFICO 3
IPCA por categorias: taxa de variação acumulada em doze meses
(Em %)



Fonte: IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 4
IPCA: taxa de variação acumulada em doze meses
(Em %)

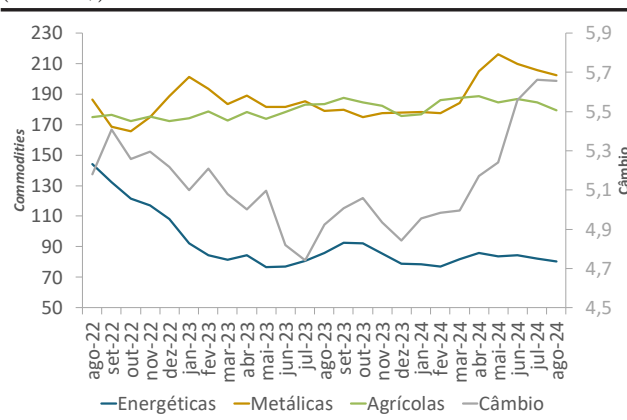


Fonte: Fundação Getulio Vargas (FGV).
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

A partir desse contexto menos benigno, as perspectivas inflacionárias para o ano foram revistas para cima. Por certo, mesmo diante de um cenário de menor pressão de preços dos alimentos, favorecido pelas deflações do último bimestre, a piora na trajetória dos serviços livres, dos bens industriais e dos preços administrados, ante a projetada anteriormente, gerou uma elevação das projeções de inflação em 2024. Desta forma, a previsão do Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea para o IPCA, em 2024, avançou de 4,0% para 4,4% (tabela 1). Em relação aos alimentos no domicílio, em que pese a perspectiva de uma pressão adicional nos próximos meses proveniente dos efeitos da seca sobre a produção de cereais, carnes, frutas e legumes, a taxa de inflação prevista passou de 5,9% para 5,6%, refletindo o alívio inflacionário vindo da queda de 2,3% observada no bimestre julho-agosto.

Já as taxas de inflação dos bens industriais e dos serviços livres, projetadas para 2024, aceleraram de 2,1% e 4,6% para 2,4% e 5,0%, respectivamente, ecoando, em ambos os casos, o aumento nos custos de produção, aliado à manutenção da demanda em patamar elevado. Por certo, se no caso dos bens industriais o aumento dos custos de produção está relacionado à alta das *commodities* no mercado internacional e à forte desvalorização cambial, em 2024, no caso dos serviços, por se tratar de um setor intensivo em trabalho, a taxa de desocupação em níveis muito baixos proporciona uma elevação dos salários, gerando, por conseguinte, um crescimento maior dos gastos com mão de obra. Por fim, as estimativas para a inflação dos preços administrados em 2024 também foram majoradas, de forma que a taxa esperada avançou de 4,0% para 4,7%, impulsionada pelas altas mais fortes dos combustíveis e da energia elétrica, associadas, no primeiro caso, ao aumento do preço do petróleo e à desvalorização cambial e, no segundo caso, ao efeito da estiagem sobre o nível dos reservatórios, gerando a necessidade do acionamento de bandeiras tarifárias de maior sobrepreço.

GRÁFICO 5
Índice de *commodities* e taxa de câmbio
(Em US\$)



Fonte: BCB.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.
Obs.: Dez./2005=100 e taxa de câmbio R\$/US\$.

TABELA 1
IPCA: projeção para 2024
(Em % e p.p.)

| | Peso | Projeção anterior - Junho/24 | | Projeção atual - Setembro/24 | |
|----------------------------|-------|------------------------------|-------------------------------|------------------------------|-------------------------------|
| | | Previsão da taxa de variação | Contribuição para o IPCA 2024 | Previsão da taxa de variação | Contribuição para o IPCA 2024 |
| Alimentos no domicílio | 16,0 | 5,9% | 0,9 | 5,6% | 0,9 |
| Bens industriais | 23,5 | 2,1% | 0,5 | 2,4% | 0,6 |
| Serviços - totais | 34,6 | 4,6% | 1,6 | 5,0% | 1,7 |
| Serviços - exceto educação | 29,7 | 4,4% | 1,3 | 4,7% | 1,4 |
| Educação | 5,0 | 6,1% | 0,3 | 6,9% | 0,3 |
| Administrados | 25,9 | 4,0% | 1,0 | 4,7% | 1,2 |
| IPCA | 100,0 | 4,0% | | 4,4% | |

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

De modo semelhante, a previsão de alta para o INPC, em 2024, passou de 3,8% para 4,2% (tabela 2). No caso dos alimentos, a taxa recuou de 6,0% para 5,8%, enquanto as altas projetadas para os bens industriais, os serviços livres e os preços administrados avançaram de 1,9%, 4,3% e 3,8% para 2,2%, 4,7% e 4,5%, respectivamente.

Nota-se, no entanto, que não está descartado o surgimento de fatores que podem impactar positiva ou negativamente as trajetórias inflacionárias no curto prazo. De um lado, a probabilidade de uma piora no cenário

inflacionário está associada, sobretudo, aos seguintes fatores: acirramento dos conflitos internacionais e seus efeitos altistas sobre as cotações das *commodities* no mercado externo; novas desvalorizações cambiais originadas da piora no ambiente fiscal; e o prolongamento dos efeitos da seca sobre a produção de alimentos e energia. De outro lado, a ocorrência de chuvas mais intensas pode gerar uma recomposição mais rápida dos níveis dos reservatórios – o que prescindiria da utilização das bandeiras tarifárias –, além de melhorar as condições de pastagem e cultivo, beneficiando a produção de alimentos *in natura* e das carnes. Por fim, concomitantemente ao movimento de queda de juros internacionais, a adoção pelo BCB de uma política monetária mais restritiva deve atrair um volume maior de capital externo, proporcionando uma apreciação cambial, o que alivia, por conseguinte, a pressão sobre os preços livres.

TABELA 2
INPC: projeção para 2024
(Em % e p.p.)

| | Peso | Projeção anterior - Junho/24 | | Projeção atual - Setembro/24 | |
|----------------------------|-------|------------------------------|-------------------------------|------------------------------|-------------------------------|
| | | Previsão da taxa de variação | Contribuição para o INPC 2024 | Previsão da taxa de variação | Contribuição para o INPC 2024 |
| Alimentos no domicílio | 19,5 | 6,0% | 1,2 | 5,8% | 1,1 |
| Bens industriais | 26,7 | 1,9% | 0,5 | 2,2% | 0,6 |
| Serviços - totais | 28,5 | 4,3% | 1,2 | 4,7% | 1,3 |
| Serviços - exceto educação | 25,0 | 4,1% | 1,0 | 4,4% | 1,1 |
| Educação | 3,5 | 6,1% | 0,2 | 6,8% | 0,2 |
| Administrados | 25,3 | 3,8% | 0,9 | 4,5% | 1,1 |
| INPC | 100,0 | 3,8% | | 4,2% | |

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Por certo, a expectativa de uma apreciação cambial e da não ocorrência de efeitos climáticos severos deve assegurar uma trajetória de inflação mais benigna para os bens industriais e os alimentos em 2025. Adicionalmente, o arrefecimento projetado para a atividade econômica no próximo ano deve reduzir o ritmo de expansão da demanda interna, trazendo algum alívio para a inflação de serviços. Desta forma, as projeções de inflação para 2025 feitas pelo Grupo de Conjuntura do Ipea são de 3,9%, medida pelo IPCA, e de 3,8%, medida pelo INPC.

2 Inflação de alimentos

Os dados mais recentes mostram que, embora ainda apresente uma alta significativa em 2024, comparativamente à registrada no ano anterior (tabela 3), a inflação dos alimentos no domicílio arrefeceu nos dois últimos meses, beneficiada pelas deflações registradas em julho e agosto, cujas magnitudes surpreenderam positivamente. Desta forma, após registrar taxa de 5,7% em junho, a inflação acumulada no ano deste segmento recuou para 3,2% em agosto.

Os dados desagregados mostram que, ao longo do ano, as principais contribuições à inflação dos alimentos (gráfico 6) vieram dos leites e derivados (1,1 ponto percentual – p.p.) e das bebidas e infusões (0,91 p.p.), repercutindo a alta de 20% no preço do café e das frutas (0,78 p.p.). Em contrapartida, as quedas dos preços das carnes e, mais recentemente, dos tubérculos se constituíram em fatores de alívio inflacionário.

Dentro desse contexto, diante da melhora no comportamento dos preços dos alimentos no último bimestre, e mesmo levando-se em consideração os efeitos prejudiciais da seca e das queimadas sobre a produção de carnes, grãos, frutas e legumes, as projeções para a inflação deste grupo, feitas pelo Grupo de Conjuntura do Ipea, em 2024, foram revistas para baixo. No caso do IPCA, a alta projetada para os alimentos no domicílio, em 2024, recuou de 5,9% para 5,6%, ao passo que a estimada no INPC passou de 6,0% para 5,8%.

TABELA 3

IPCA: alimentos no domicílio por segmentos
(Variação acumulada no ano, em %)

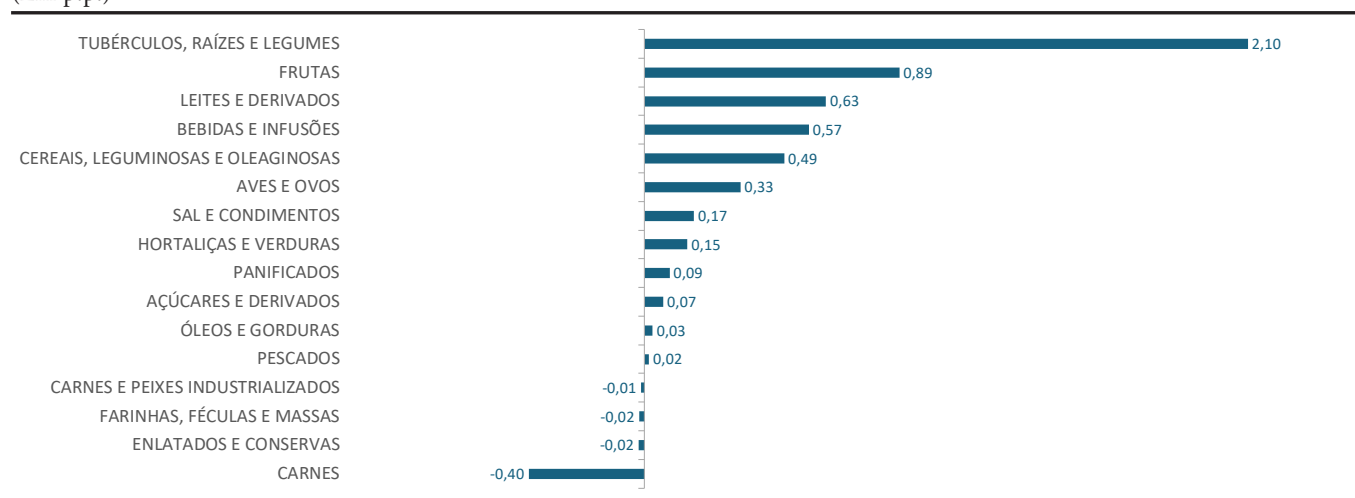
| | Jan-Ago/23 | Jan-Ago/24 |
|------------------------------------|------------|------------|
| Alimentação no domicílio | -1,82 | 3,23 |
| Cereais, leguminosas e oleaginosas | 2,74 | 6,31 |
| Farinhas, féculas e massas | 1,86 | -0,90 |
| Tubérculos, raízes e legumes | -15,01 | -4,43 |
| Açúcares e derivados | 5,32 | 3,51 |
| Hortaliças e verduras | 12,01 | -1,27 |
| Frutas | 1,47 | 9,71 |
| Carnes | -9,66 | -2,45 |
| Pescados | 3,12 | -0,38 |
| Carnes e peixes industrializados | -0,17 | -1,07 |
| Aves e ovos | -6,31 | 2,67 |
| Leite e derivados | 3,07 | 9,07 |
| Panificados | 3,06 | 1,51 |
| Óleos e gorduras | -17,36 | 3,52 |
| Bebidas e infusões | 2,43 | 8,22 |
| Enlatados e conservas | 3,35 | 0,66 |
| Sal e condimentos | 4,90 | 7,90 |

Fonte: IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 6

Alimentos no domicílio: contribuições à inflação acumulada no ano
(Em p.p.)



Fonte: IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

3 Inflação de bens e serviços

Após registrar uma inflação acumulada em doze meses de 0,4%, em maio, os bens industriais iniciaram uma trajetória de leve aceleração, de modo que, em agosto, esta taxa chegou a 1,1%. Por certo, a alta dos produtos industriais no atacado, impactada especialmente pela desvalorização cambial de aproximadamente 17% em 2024, começa a ser repassada ao varejo com mais intensidade nos últimos meses, possibilitada, sobretudo, pela expansão da massa salarial. Na desagregação entre as três principais categorias de uso, observa-se que a recente retomada da inflação dos bens industriais deve-se à recuperação mais forte dos preços dos bens de consumo duráveis, cuja taxa acumulada em doze meses avançou de -1,0%, em maio, para 0,3% em agosto (gráfico 7). Em

sentido contrário, a inflação em doze meses dos bens de consumo não duráveis aponta uma leve desaceleração na margem, enquanto os semiduráveis registram estabilidade.

Nota-se que grande parte da aceleração dos preços dos bens de consumo duráveis deve-se à alta mais forte dos preços dos eletroeletrônicos em 2024, tendo em vista que, no do ano, este subgrupo registra uma variação acumulada de 0,8%, bem acima da deflação de 0,8% registrada no mesmo período de 2023 (tabela 4). No caso dos bens de consumo semiduráveis, os dados desagregados mostram que os principais itens que compõem este segmento apresentam taxas de inflação em 2024 abaixo das registradas no ano anterior. Já em relação aos preços dos bens de consumo não duráveis, nota-se que as altas mais acentuadas do etanol e do cigarro, em 2024, anularam o alívio

TABELA 4
IPCA: bens de consumo industriais por segmentos
 (Variação acumulada no ano, em %)

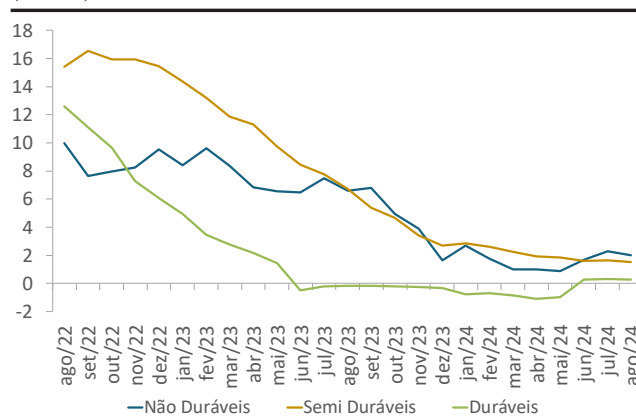
| | Jan-Ago/23 | Jan-Ago/24 |
|-------------------------------------|-------------|------------|
| Bens de consumo duráveis | -0,8 | 0,8 |
| Mobiliário | 3,7 | 1,8 |
| Eletroeletrônicos | -3,2 | 0,4 |
| Automóveis | 2,7 | 2,0 |
| Motocicleta | -2,5 | -0,7 |
| Bens de consumo semiduráveis | 1,4 | 0,8 |
| Utensílios e enfeites | 0,1 | -1,6 |
| Cama, mesa e banho | 1,1 | -0,4 |
| Vestuário | 1,7 | 1,2 |
| Bens de consumo não duráveis | 3,3 | 3,4 |
| Artigos de limpeza | 2,8 | -2,3 |
| Artigos de higiene | 4,6 | 3,7 |
| Etanol | -3,8 | 15,4 |
| Cigarro | -0,2 | 4,8 |

Fonte: IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

No caso dos serviços livres, os dados mostram uma nova aceleração da inflação deste segmento nos últimos meses, independentemente do conjunto de itens analisados. Por certo, em consonância com um crescimento da atividade econômica mais intenso e diante de um mercado de trabalho mais dinâmico, a inflação deste segmento, em doze meses, avançou de 4,5%, em junho, para 5,2% em agosto (gráfico 8), pressionada, sobretudo, pelos reajustes dos serviços pessoais e de recreação (5,2%) e de educação (6,8%), como mostra o gráfico 9. De modo semelhante, a curva de inflação dos serviços adjacentes, que exclui do conjunto total de serviços aqueles itens com maior volatilidade (passagem aérea, hotel, excursão, empregada doméstica, mão de obra residencial, cursos, internet e TV a cabo), passou de 4,5% para 5,0%, na mesma base de comparação.

No acumulado do ano, até agosto, embora a inflação dos serviços registre alta de 2,7%, mantendo-se 1,0 p.p. abaixo da taxa registrada no mesmo período de 2023 (tabela 5), as últimas divulgações mensais vieram acima das

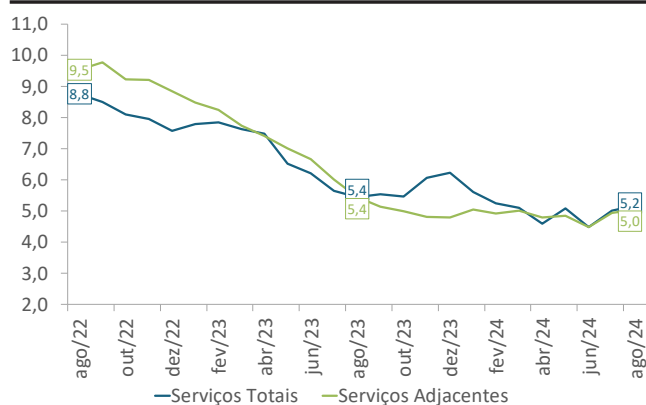
GRÁFICO 7
IPCA: bens de consumo industriais – variação acumulada em doze meses
 (Em %)



Fonte: IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

expectativas, sinalizando que o processo de desinflação deste segmento tende a ser mais lento que o projetado. Deve-se registrar ainda que boa parte da desaceleração da inflação dos serviços em 2024 foi beneficiada pela melhora no comportamento dos serviços de transportes, repercutindo uma deflação das passagens aéreas este ano (-34,5%) bem mais intensa que a registrada no ano anterior (-19,2%).

GRÁFICO 8
IPCA: inflação de serviços livres acumulada em doze meses
(Em %)



Fonte: IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

De maneira geral, os dados mais recentes indicam que as trajetórias projetadas para o ano, tanto para os bens industriais quanto para os serviços livres, tornaram-se menos benignas. Com efeito, diante de um cenário mais desafiador – que conjuga câmbio desvalorizado, aceleração de preços industriais no atacado, taxa de desemprego em níveis historicamente baixos e massa de rendimentos em contínua expansão –, as projeções de inflação do Grupo de Conjuntura do Ipea para estes dois conjuntos de preços foram majoradas. No caso dos bens industriais, as estimativas de inflação para o IPCA saltaram de 2,1% para 2,4%, enquanto para o INPC passaram de 1,9% para 2,2%. Em relação aos serviços livres, as previsões aceleraram de 4,6% para 5,0%, no IPCA, e de 4,3% para 4,7%, no INPC.

TABELA 5
IPCA: serviços livres por segmentos
(Variação acumulada no ano, em %)

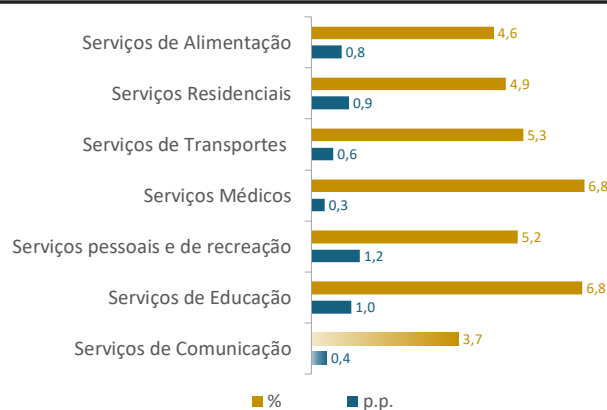
| | Jan-Ago/23 | Jan-Ago/24 |
|----------------------------------|------------|------------|
| Serviços totais | 3,7 | 2,7 |
| Serviços de Alimentação | 3,8 | 3,1 |
| Serviços Residenciais | 3,1 | 3,3 |
| Serviços de Transportes | -1,8 | -6,4 |
| Serviços Médicos | 4,4 | 5,2 |
| Serviços pessoais e de recreação | 3,3 | 2,9 |
| Serviços de Educação | 7,9 | 6,7 |
| Serviços de Comunicação | 5,3 | 3,6 |

Fonte: IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

4 Inflação de preços monitorados

Apesar da constatação de que a desaceleração dos preços administrados, prevista para o ano, esteja ocorrendo (gráfico 10), este movimento deve perder força nos próximos meses, ressoando, em grande parte, a piora no desempenho dos combustíveis e da energia. Por certo, diante de uma alta média de 4,0% do barril de petróleo

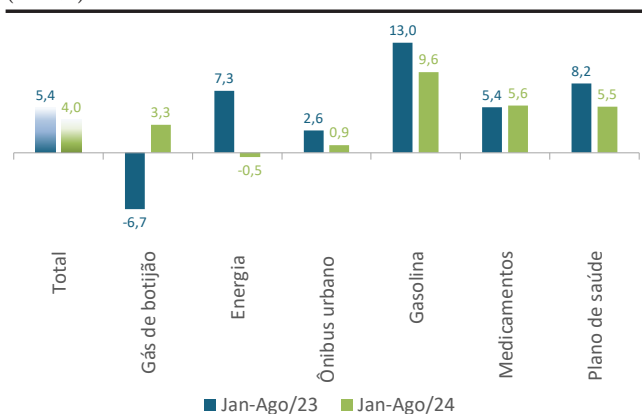
GRÁFICO 9
IPCA: inflação de serviços livres acumulada – variação e contribuição (set./2023-ago./2024)
(Em % e p.p.)



Fonte: IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

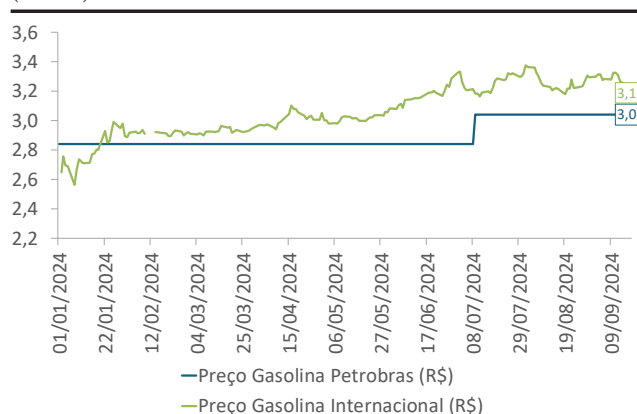
no mercado externo e de uma desvalorização cambial de aproximadamente 17% em 2024, o diferencial entre os preços domésticos e internacionais da gasolina vem se mantendo em 6,5%, em média, mesmo após o reajuste autorizado pela Petrobras no início de julho (gráfico 11). No caso da energia, a estiagem bem mais intensa que a prevista vem impactando negativamente os níveis dos reservatórios, obrigando a adoção e manutenção das bandeiras tarifárias de sobrepreço, contaminando, por conseguinte, a inflação estimada para o restante do ano. Desta forma, a projeção para a alta dos preços administrados, em 2024, passou de 4,0% para 4,7%, no IPCA, e de 3,8% para 4,5%, no INPC.

GRÁFICO 10
IPCA: inflação de preços monitorados – variação acumulada no ano
 (Em %)



Fonte: IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 11
Gasolina: preços domésticos e internacionais
 (Em %)



Fonte: Bloomberg.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac):

Claudio Roberto Amitrano (Diretor)
Mônica Mora y Araujo (Coordenadora-Geral de Estudos e Políticas Macroeconômicas)

Corpo Editorial da Carta de Conjuntura:

Claudio Hamilton Matos dos Santos (Editor)
Estêvão Kopschitz Xavier Bastos
Leonardo Mello de Carvalho
Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti
Maria Andréia Parente Lameiras
Mônica Mora y Araujo
Sandro Sacchet de Carvalho
Sergio Fonseca Ferreira

Pesquisadores Visitantes:

Debora Mesquita Pimentel
Felipe dos Santos Martins

Equipe de Assistentes:

Beatriz de Luna Barreto
Marcelo Guedes Pecly
Tarsylla da Silva de Godoy Oliveira

Equipe Administrativa:

Amanda Fernandes Tatagiba
Lidiane Santos de Souza
Aline Conceição Santos
Rosanne Rodrigues Barbosa

Design/Diagramação:

Augusto Lopes dos Santos Borges
Leonardo Simão Lago Alvite

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério do Planejamento.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.
